



PPGDR – Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional
FIDENE-UNIJUI

Análise semanal do mercado da soja, do milho e do trigo

Comentários referentes ao período entre 18/11/2022 a 24/11/2022

Prof. Dr. Argemiro Luís Brum¹

¹ Professor Titular do PPGDR da UNIJUI, doutor em Economia Internacional pela EHESS de Paris-França, coordenador, pesquisador e analista de mercado da CEEMA (FIDENE/UNIJUI).

Cotações na Bolsa Cereais de Chicago – CBOT

	GRÃO SOJA (US\$/bushel)	FARELO SOJA (US\$/ton. curta)	ÓLEO SOJA (cents/libra peso)	TRIGO (US\$/bushel)	MILHO (US\$/bushel)
18/11/2022	14,28	410,40	72,74	8,03	6,67
21/11/2022	14,36	411,40	73,00	7,99	6,59
22/11/2022	14,29	408,60	73,84	7,91	6,56
23/11/2022	14,36	409,70	74,91	7,93	6,63
24/11/2022	FERIADO	FERIADO	FERIADO	FERIADO	FERIADO
Média	14,32	410,02	73,62	7,96	6,61

Bushel de soja e de trigo = 27,21 quilos

Libra peso = 0,45359 quilo

Fonte: CEEMA com base em informações da CBOT.

bushel de milho= 25,40 quilos

tonelada curta = 907,18 quilos

**Médias semanais (compra e venda)
no mercado físico brasileiro - em
praças selecionadas (em R\$/Saco)**

SOJA		
RS – Panambi	170,00	
RS – Não Me Toque	170,00	
RS – Londrina	168,00	
PR – Cascavel	168,00	
MT – C.N.Parecis	156,00	
MS – Maracaju	170,00	
GO - Rio Verde	167,00	
BA – L.E.Magalhães	168,00	
MILHO(**)		
Porto de Santos	86,00	CIF
Porto de Paranaguá	93,00	CIF
Porto de Rio Grande	S/C	
RS – Panambi	84,00	
SC – Rio do Sul	85,00	
PR – Cascavel	76,00	
PR – Londrina	76,00	
MT – C.N.Parecis	64,00	
MS – Maracaju	73,00	
SP – Itapetininga	82,00	
SP – Campinas	86,00	CIF
GO – Rio Verde	71,00	
GO – Jataí	71,00	
TRIGO (**)		
RS – Panambi	90,00	
RS – Não Me Toque	90,00	
PR – Londrina	97,00	
PR – Cascavel	97,00	

Período: 23/11/2022

S/C=Sem Cotação.

(*) Valor de compra.

(**)Preços em reais/saco.

Fonte: CEEMA cf. Notícias Agrícolas

**Média semanal dos preços recebidos
pelos produtores do Rio Grande do
Sul – 24/11/2022**

Produto	milho (saco 60 Kg)	soja (saco 60 Kg)	trigo (saco 60 Kg)
R\$	84,31	172,94	91,11

Fonte: CEEMA, com base em informações da EMATER.

Preços de outros produtos no RS

**Média semanal dos preços recebidos
pelos produtores do Rio Grande do Sul –
24/11/2022**

Produto	
Arroz em casca (saco 50 Kg)	80,16
Feijão (saco 60 Kg)	225,00
Sorgo (saco 60 Kg)	68,00***
Suíno tipo carne (Kg vivo)	5,59
Leite (litro) cota-consumo (valor líquido)	2,56**
Boi gordo (Kg vivo)*	9,48

(*) compreende preços para pagamento em 10 e 20 dias

(**) Ref. Outubro/22 - média cf. Cepea/Esalq

(***) Clicmercado cf. Notícias Agrícolas

ND= Não Disponível

Fonte: CEEMA, com base em informações da EMATER.

MERCADO DA SOJA

As cotações da soja ficaram bastante estáveis nesta semana, mais curta em Chicago devido ao feriado de Ação de Graças neste dia 24/11. Com isso, o fechamento da quarta-feira (23) ficou, para o primeiro mês cotado, em US\$ 14,36/bushel, contra US\$ 14,17 na semana anterior.

Dito isso, a colheita da soja, nos EUA, está encerrada, com a estimativa de um volume total de 118 milhões de toneladas. O mercado espera o novo relatório de oferta e demanda do USDA, previsto para o dia 09 de dezembro, para confirmar este número.

Por sua vez, a demanda chinesa continua aquém do normal devido aos fechamentos de empresas e da economia local em função dos novos casos de Covid, os quais se acentuaram nesta semana. Já estão aumentando, novamente, as mortes pela doença em território chinês, assim como no mundo inteiro, levando o governo local a retroceder na ideia de afrouxar o controle sobre a doença. Segundo o Banco Nomura, cerca de 48 cidades estão em lockdown ou coisa semelhante, as quais representam de 20 a 25% do PIB do país. Durante a semana Shanghai informou que vai dificultar a entrada de pessoas na cidade. (cf. Agrinvest Commodities)

Já na América do Sul, novas projeções de safra dão conta de que a área total a ser semeada chegaria a 66,85 milhões de hectares, ou seja, 1,1% acima da previsão inicial e 5% sobre o recorde do ano anterior. Este seria o sexto aumento consecutivo de área nesta que é a maior região produtora de soja do mundo. Neste sentido, a produção total esperada fica em 218,2 milhões de toneladas, sendo um pouco menor do que o projetado em setembro, porém, ainda 20% acima da frustrada safra de 2021/22, que resultou em apenas 181,76 milhões de toneladas. Para o Brasil, maior produtor mundial da oleaginosa, estima-se 153,3 milhões de toneladas, sobre uma área de 43,8 milhões de hectares. A Argentina produziria 47 milhões de toneladas, sobre 17 milhões de hectares, resultado que significa 9% a mais de grãos de soja do que a safra passada. Quanto ao Paraguai, espera-se um volume de 10,9 milhões de toneladas, sobre uma área semeada de 3,8 milhões de hectares. No ano anterior o Paraguai colheu apenas 4,95 milhões de toneladas. Já na Bolívia, a área com soja será de 1,49 milhão de hectares, fato que resultará, em clima normal, em uma produção de 3,5 milhões de toneladas. Enfim, no Uruguai a produção está estimada em 3,43 milhões de toneladas, o que seria 4% sobre o colhido no ano anterior, enquanto a área plantada somaria 1,22 milhão de hectares. (cf. Datagro)

Especificamente no Brasil, com o câmbio girando entre R\$ 5,30 e R\$ 5,40 durante a semana, os preços pouco oscilaram, com a média gaúcha fechando a semana em R\$ 172,94/saco, enquanto as principais praças do Estado trabalharam em torno de R\$ 170,00. Nas diferentes praças nacionais os preços oscilaram entre R\$ 156,00 e R\$ 170,00/saco.

Em tal contexto, o plantio de soja no país somava 80,5% no início da presente semana, contra 77,1% na média histórica, enquanto o do milho verão atingia a 86,4%, contra a média histórica de 88,7%. (cf. Datagro)

De forma geral, as projeções de safra no Brasil dão conta de um volume entre 149 e 154 milhões de toneladas de soja, embora já esteja ocorrendo problemas climáticos em

algumas regiões. É o caso do Centro-Oeste, mais precisamente no Mato Grosso, onde há falta de umidade, e também no Rio Grande do Sul, onde a redução das chuvas começa a preocupar. Muitos analistas consideram que os rendimentos médios previstos poderão sofrer novos cortes caso a chuva não retorne a contento nestas regiões. (cf. Pátria Agronegócios)

Pelo sim ou pelo não, as projeções de exportação, considerando uma safra cheia, estão sendo indicadas ao redor de 93 milhões de toneladas em 2023, contra 77,2 milhões a serem registradas em 2022. Em julho se previa exportações ao redor de 91,5 milhões para o próximo ano. Já o esmagamento de soja deverá atingir a 50 milhões de toneladas de soja, se elevando em 2% sobre 2022. Considerando-se os estoques existentes, a oferta total de soja, para o ano 2023, deverá aumentar em 19%, atingindo a 158 milhões de toneladas, contra uma demanda total de 147 milhões (+14% sobre 2022). Em sendo assim, no final do próximo ano os estoques finais de soja, no Brasil, crescerão 240%, atingindo a 11,1 milhões de toneladas, fato que deverá pressionar para baixo os preços internos. Quanto à produção de farelo, o país deverá alcançar 38,4 milhões de toneladas no próximo ano, com aumento de 2% sobre 2022, sendo que o consumo interno deste subproduto ficaria em 19,4 milhões de toneladas, com aumento de 8%, enquanto as exportações somariam 19 milhões, caindo 3%. Esta realidade levaria os estoques finais de farelo, em 2023, a 1,96 milhão de toneladas, ou seja, um aumento de 2% sobre o ano anterior. Por sua vez, a produção de óleo de soja deverá crescer 3%, atingindo a 10,2 milhões de toneladas, com o país exportando 1,6 milhão, isto é, um recuo de 30% sobre 2022. Já o consumo interno deste subproduto subiria 9%, atingindo a 8,6 milhões de toneladas, sendo que 5 milhões seria para biodiesel (+19% sobre 2022). Enfim, os estoques finais de óleo de soja, no Brasil, recuariam 11%, para se estabelecerem em 253.000 toneladas. (cf. Safras & Mercado)

Particularmente no Rio Grande do Sul, o plantio da soja continua lento, com 30% da área apenas tendo sido semeada até o final da semana anterior. No ano anterior, o plantio atingia a 49% nesta data, e a média histórica é de 46%. A projeção gaúcha continua sendo de 6,6 milhões de hectares semeados, com produtividade média estimada em 3.131 quilos/hectare (52,2 sacos/hectare). Porém, o clima mais seco no momento começa a causar preocupações quanto ao cumprimento desta meta.

Enfim, as importações de soja brasileira, por parte da China, recuaram 15% em outubro, na comparação com o mesmo mês do ano passado. Preços muito altos, ausência de lucros junto as indústrias esmagadoras na China, e novos casos de Covid levando ao fechamento de muitas atividades econômicas, seriam as principais causas desta realidade. Assim, o volume que foi comprado do Brasil somou 2,8 milhões de toneladas neste último mês de outubro, contra 3,3 milhões em outubro de 2021. Já as compras totais de soja, por parte da China, recuaram 19% no mês passado, ficando em 4,14 milhões de toneladas e se estabelecendo no menor nível, para qualquer mês, desde 2014. Nos primeiros 10 meses do ano, a China importou 49,3 milhões de toneladas de grãos brasileiros, ante 52,75 milhões de toneladas no mesmo período de 2021. Já a soja oriunda dos EUA, no mesmo período, somou 20,1 milhões de toneladas, contra 22,6 milhões entre janeiro e outubro do ano passado. (cf. Alfândega da China)

MERCADO DO MILHO

As cotações do milho, em Chicago, pouco se modificaram durante esta semana mais curta nos EUA, devido ao feriado do dia 24/11. O bushel do cereal, para o primeiro mês cotado, fechou em US\$ 6,63 a quarta-feira (23), contra US\$ 6,67 na semana anterior.

Dito isso, a colheita do milho, nos EUA, até o dia 21/11, atingia a 96% da área semeada, contra 90% na média histórica para esta data.

Enquanto isso, no Brasil, os preços do milho também continuam estáveis, com a média gaúcha fechando a semana em R\$ 84,31/saco, enquanto nas demais praças nacionais os preços do cereal oscilaram entre R\$ 64,00 e R\$ 85,00/saco. Já na B3, o fechamento do dia 23/11 acusou os seguintes valores: janeiro/23 à R\$ 89,76/saco; março/23 à R\$ 92,95; maio/23 à R\$ 92,50; e julho/23 à R\$ 90,45/saco.

Por outro lado, o plantio do milho de verão, desta safra 2022/23, chegava a 82% da área do Centro-Sul brasileiro, no dia 17/11, contra 91% no mesmo período do ano passado. Em algumas regiões, como o Sul do país, há atraso no desenvolvimento das plantas devido ao frio ocorrido em outubro e início de novembro. No Sudeste e Centro-Oeste, enquanto em São Paulo as condições são boas, em Minas Gerais e Goiás há regiões com falta de umidade.

Em termos de mercado externo, nos primeiros 12 dias úteis de novembro o Brasil exportou 3,49 milhões de toneladas de milho, o que representa 45,9% acima do total exportado em todo o mês de novembro de 2021. A média diária de embarques está 131% acima do registrado em novembro do ano passado. (cf. Secex)

Por sua vez, a Anec (Associação Nacional dos Exportadores de Cereais) reforça a possibilidade de exportações, em novembro, ao redor de 6,6 milhões de toneladas do cereal. Com isso, os mais otimistas consideram que seja possível o Brasil chegar a um total, no final do ano, próximo de 50 milhões de toneladas. Já os mais realistas consideram possível as vendas ficarem entre 43 e 45 milhões de toneladas na totalidade de 2023. Em qualquer dos cenários, um recorde histórico. Após os primeiros 12 dias úteis de novembro, o preço médio da tonelada exportada chega a US\$ 287,00, ou seja, 33,8% acima do praticado um ano antes.

Para o ano de 2023 as exportações de milho brasileiras, se as nossas safras forem normais, poderão ser ainda maiores, pois o Brasil conta vender para a China cerca de 5 milhões de toneladas, graças aos acordos que começam a ser fechados neste final de 2022. Lembrando que, se o clima colaborar, o Brasil poderá atingir a uma produção total de milho recorde, em 2022/23, ao redor de 126 milhões de toneladas.

Enquanto isso, nas importações de milho, nos primeiros 12 dias úteis, o Brasil adquiriu 119.670 toneladas, chegando a um total de apenas 28,4% do total importado em novembro de 2021. O valor da tonelada importada recuou para US\$ 225,90 em relação há um ano antes.

Enfim, vale destacar que, no Mato Grosso, houve redução no custo de produção do milho, em outubro. Porém, a mesma foi de apenas 0,31%, com o hectare ficando em R\$ 3.355,76 no que diz respeito ao custo da lavoura.

MERCADO DO TRIGO

A cotação do trigo, em Chicago, para o primeiro mês, voltou a cair abaixo dos US\$ 8,00/bushel nesta semana, fechando a quarta-feira (23), véspera do feriado de Ação de Graças nos EUA, em US\$ 7,93/bushel. Este valor é o mais baixo desde o início de setembro passado.

Dito isso, o plantio do trigo de inverno, estando encerrado nos EUA, a atenção se volta para as condições das lavouras. Neste sentido, até o dia 21/11, as mesmas apresentavam 32% entre boas a excelentes, 35% regulares e 33% entre ruins a muito ruins.

Já o Ministério da Agricultura da Argentina, contrariando analistas privados locais, estima que a safra de trigo local será um pouco melhor, devendo ficar em 13,4 milhões de toneladas na safra 2022/23 (a iniciativa privada avança 11,8 milhões de toneladas).

Por sua vez, na Europa, a consultoria Strategie Grains espera que os agricultores da União Europeia mantenham a área semeada para as principais culturas, trigo, cevada e milho, quase inalterada em relação ao atual ano agrícola. Em suas primeiras previsões para 2023/2024, a empresa estimou a área semeada com trigo macio (soft) na UE em 21,67 milhões de hectares, ligeiramente acima da média de cinco anos.

E no Brasil, os preços se estabilizaram durante a semana, com leve viés de alta em algumas praças. A média gaúcha, no balcão, fechou a semana em R\$ 91,11/saco, enquanto as principais praças do Estado negociaram o produto a R\$ 90,00. Já no Paraná o saco de trigo ficou em R\$ 97,00.

Em termos de colheita, até o dia 21/11 o Paraná registrava 94% da área colhida, enquanto o Rio Grande do Sul alcançava a 52% da área, no dia 17/11, contra a média histórica de 89% nesta data. Já o Mato Grosso do Sul espera um aumento de 93% em sua produção de trigo neste ano, com uma produtividade média em 2.372 quilos/hectare (39,5 sacos/hectare). O total brasileiro poderá alcançar um volume entre 8,5 e 9,5 milhões de toneladas neste ano, sendo um recorde histórico. (cf. Deral, Emater e Conab)

Por sua vez, estudos da Embrapa Trigo apontam que é possível, em 2030, o Brasil atingir a 20 milhões de toneladas produzidas em trigo, se tornando autossuficiente e um exportador consistente do cereal.

Enfim, saindo um pouco da seara do trigo, tem-se que a Emater do Rio Grande do Sul, como única Instituição a classificar toda a cevada produzida em nosso Estado, chegou, no dia 16/11, à milésima das 3.500 amostras esperadas para até o final da safra. A classificação da cevada iniciou no dia 24 de outubro, devendo se encerrar no próximo dia 15 de janeiro, e é realizada por 20 técnicos classificadores na Ambev de Passo Fundo. Com uma área de 37.500 hectares de cultivo e uma produtividade estimada em 3.237 quilos/hectare, o Rio Grande do Sul deve produzir 121.236 toneladas, o que será uma superssafra do cereal. As regiões com maior destaque são Frederico Westphalen, onde a colheita está praticamente encerrada, Ijuí, com 80% das lavouras colhidas e

produtividade de 3.000 a 4.000 quilos/ha, e Soledade, onde a produtividade em muitas lavouras chega a 4.800 quilos/ha. Destaque também, neste ano, para a ótima qualidade do grão, com classificação classe 1 e germinação acima de 96%, ideais para malte cervejeiro. A Emater/RS presta serviços de classificação à Ambev há 21 anos, analisando itens como matéria estranha e impurezas, umidade e proteína, realizando testes de micotoxina e calculando o poder germinativo do produto. Após todo esse processo, a cevada é encaminhada aos armazéns da Pradozem, maior empresa da América Latina em armazenagem de grãos, onde é segregada por silo conforme sua qualidade. Essa cevada classificada é encaminhada para as cervejarias, a fim de serem maltadas e repassadas para a produção de cervejas. Para que seja maltada, a cevada deve ter 95% de poder germinativo. Caso contrário, é utilizada para rações. O serviço de classificação prestado pela Emater/RS possui rastreabilidade em todo o processo, desde a produção do grão, e certificações internacionais, que atestam sua qualidade, como a ISO 9001 (certificando a qualidade de produtos e serviços), a ISO 17.025 (garantindo a gestão de qualidade/específica para laboratórios) e a ISO 17.065 (certificação de armazenamento). (cf. Emater)